



Diversidade e Educomunicação: gênero e raça/etnia



Sátira Pereira Machado

Durante o VI Encontro Brasileiro de Educomunicação e III EducomSul¹, a Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni² da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares³ da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), a Profa. Dra. Maria da Graça Gomes Paiva⁴ da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre e a Profa. Dra. Sátira Pereira Machado da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, com a mediação da Profa. Dra. Leunice Martins de Oliveira da Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCR-RS), ampliaram as visões sobre a diversidade na mesa redonda **Educomunicação, gênero e raça/etnia**.

Este artigo é, então, o relato dessa mesa. Evidencia como as questões de gênero e de raça/etnia são intrínsecas às de diversidade, fazendo com que esse tema se tornasse um eixo importante para o Encontro. As reflexões da referida mesa apontam para novos saberes que estão sendo absorvidos pela a Educomunicação.

1. EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE SEXUAL

Na intervenção “Educomunicação e reflexões sobre gênero e diversidade sexual”, Cláudia Lahni apresenta-se como “jornalista”, “feminista” e “lésbica” para reafirmar seu lugar nas pesquisas que vem desenvolvendo ao longo dos anos na área da comunicação para a cidadania com ênfase na educomunicação e nas relações de gênero e orientação sexual.

Nas palavras de Cláudia Lahni, como “não é mole não: ser professora, feminista e sapatão”, ela agradece a oportunidade de “lesbianizar o evento” ao fazer referências as ativistas feministas que tem contribuído para a promoção de uma sociedade mais igualitária. Partindo da definição de cidadania, enquanto “exercício de direitos e luta pela manutenção e ampliação de direitos”, a palestrante ressalta a importância do acesso às informações para a efetivação da cidadania citando que tal direito está previsto na Constituição Brasileira.

.....
1 Realizado de 10 a 12 de junho de 2015, na PUCRS em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul no Brasil.

2 <http://lattes.cnpq.br/4308409538114864>

3 <http://lattes.cnpq.br/1468875365359134>

4 <http://lattes.cnpq.br/4001452880341549>

Remetendo aos estudos de Cecília Peruzzo, reforça que ser cidadão e cidadã na atualidade significa poder se apropriar de todas as tecnologias desenvolvidas pela humanidade e que estas devem estar disponíveis para todos e todas. Dessa forma, a democratização da comunicação é porta de entrada para a ampliação da garantia dos direitos humanos, sejam eles civis, políticos, sociais, entre outros. Todos os segmentos têm o direito de “saber de todas as questões” que são relevantes para suas interações sociais. Bem como, têm o direito de “falar aquilo” que permeia suas relações sociais.

Para tanto, os debates sobre as legislações para os meios de comunicação na Argentina⁵ e aqueles impulsionados nas conferências municipais, regionais e estaduais que culminaram com a Conferência Nacional de Comunicação no Brasil (2009) evidenciam a “iniciativa popular pela mídia democrática” nesses dois países da América Latina.

Para Claudia Lahni, esses movimentos vêm sendo potencializados por ações, processos, projetos e trabalhos diversos de educomunicação desde a época de Paulo Freire e Mário Kaplún, precursores das bases teóricas das relações entre a comunicação e a educação. Nas palavras da palestrante, Paulo Freire já dizia: “quando a gente faz, a gente fica mais crítico em relação aquilo que está sendo feito por outros”. Esse processo é próprio das escolas, das instituições e das entidades que se valem de projetos de educomunicação para exercícios de direito à comunicação.

Citando Daniela Auad e Joanna Scott, no que diz respeito às questões de gênero, a palestrante apresentou projetos educamunicativos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas **Educação, Comunicação e Feminismos** da UFJF⁶. Tais projetos abordam a diversidade de modo transversal, mesclando estudos feministas, afro-brasileiros e indígenas, por exemplo, em todas as ações⁷.

5 Citados pela jornalista argentina Silvia Bacher na Conferência Magna do VI Encontro Brasileiro de Educomunicação e III Educomsul, no primeiro dia do Encontro.

6 <http://www.ufjf.br/educacomunicafeminismos/>

7 COELHO, Fernanda ; LAHNI, Cláudia Regina . Educomunicação e negritude na oficina de jornal impresso do projeto Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010. v. 1. p. 1-15.

Um deles é conhecido como **“Projeto UFJF – Território de Oportunidades”** coordenado pela Faculdade de Serviço Social. Ele oferece oficinas de cine-vídeo, rádio, jornal, foto e novas tecnologias em parceria com o projeto **“Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária”**, coordenado por Cláudia Lahni. Esse último estimula o paradigma da educomunicação através dos usos e das apropriações da televisão, de mídias diversas e da Internet por jovens das escolas públicas.

Outra prática educamunicativa é o projeto **“Programa de Mulher”**. Ele ocorre semanalmente, quando alunas e alunos da UFJF produzem informativos e dão visibilidade às questões de gênero na rádio comunitária de Juiz de Fora, como forma de promover os direitos feministas em Belo Horizonte.

Relembrando discussões sobre identidades negras e indígenas pautados na mesa redonda **Diversidade e educomunicação: tecendo saberes e integrando práticas** do primeiro dia do Encontro, Claudia Lahni recolocou o debate na esfera das identidades lésbicas. Citou casos de suicídios e violência motivados pelo racismo, sexismo, homofobia e lesbofobia.

Denunciou práticas contrárias as sexualidades das mulheres promovidas em “trotés” com estudantes da Faculdade de Comunicação, quando meninas foram obrigadas a carregar placas com os seguintes dizeres: “caloura cara de sapatão” ou “caloura cara de puta”. Nessa perspectiva, apontou para a emergência de se garantir políticas públicas para além do respeito à diversidade. Inclui as áreas da educação e da comunicação nessa batalha, ao exemplificar que criou disciplinas como “Comunicação de Relações de Gênero e Movimentos Sociais” e “Educomunicação, Movimento Feminista, Movimento Negro e Movimento LGBT” na Universidade.

Conforme Cláudia Lahni, a temática da diversidade e da educomunicação vem ganhando novos espaços, em eventos como o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)⁸ e o Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Esse novo momento demonstra que a centralidade da comunicação na atualidade, enquanto “praça pública” propícia para a discussão dos direitos humanos, tem que estar

8 Promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

comprometida com a cidadania. Finalizou dizendo que é feliz ao ser “professora feminista e sapatão” e por estar num evento que valoriza a representação das diversidades e minorias sociais brasileiras.

2. EDUCOMUNICAÇÃO E PAN-AFRICANISMO

Na fala do cabo-verdiano Fernando Tavares, sobre “Pan-africanismo e Educação para as relações étnico-raciais: contributo para a constituição de uma filosofia da educação Sul-Sul”, o professor refletiu sobre as problemáticas educacionais relacionadas ao conceito de raça.

Demonstrou interesse em fomentar uma linha de pesquisa na área, como forma de potencializar o debate internacional sobre a educação intercultural, desde a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) onde é docente⁹. Acreditando que os novos movimentos da pedagogia do Sul podem, paulatinamente, conquistar mais espaço no cenário global. E novas ideias podem deslegitimar saberes hegemônicos que não contemplam as diversidades culturais e as tradições africanas.

Resgatando o Pan-africanismo do final do século XIX e seu propósito de empoderamento dos movimentos nacionalistas africanos e diaspóricos - que resultaram em fenômenos políticos como a legitimação da Organização da Unidade Africana (OUA) - o professor destacou a abordagem educacional como um novo paradigma epistemológico para “a inclusão das africanidades na esteira da pesquisa científica, na perspectiva de uma construção da Pedagogia do Sul”. Postura capaz de alavancar perspectivas positivas para a efetiva libertação da África de opressões trágicas e violência simbólica.

Para ele, o Pan-africanismo foi um acontecimento revolucionário emblemático capaz de “potencializar sinergias inovadoras passíveis” e ainda hoje está habilitado a reconfigurar “o renascimento africano”. Nesse sentido, do ponto de vista de Edgar Morin, a África clama por esse prelúdio e por uma autoconsciência renovadora.

Para Fernando Tavares, as africanidades não podem ser interpretadas como “elementos exóticos, figuras mitológicas e folclóricas” do ponto de vista de uma

9 Desde o Campus dos Malês em São Francisco do Conde, na Bahia, onde desempenha suas atividades docentes.

“globalização hegemônica”. Por isso a emergência de aproveitar o simbolismo aglutinador do Pan-africanismo para ir além. Nas palavras de Fernando Tavares:

É preciso considerar duas maneiras principais de abordar a África. Uma delas pode ser chamada de periférica. Pois vai de fora pra dentro e chega ao que pode ser definido de “África objeto”. A outra propõe uma visão interna, que vai de dentro pra fora dos fenômenos e revela a “África sujeito”. A África da identidade profunda, originária, mal conhecida, portadora de propostas fundadas em valores absolutamente diferenciais. Esta perspectiva possibilita um conhecimento da África de dentro para fora, na sua concretude existencial, contrariando as tendências discursivas hegemônicas localizadas no norte.

Então, segundo Amadou Ampaté Bah, não se deve generalizar as representações do continente africano. São muitas Áfricas, muitas tradições, religiões e etnias. São muitos “valores sublimes consubstanciados no conceito de identidade racial” africana. Trata-se de uma nova metodologia revolucionária, na perspectiva kantiana.

O professor acredita que, nos dias atuais, o pan-africanismo continua sendo fundamental para a construção das identidades negras contemporâneas. Nessa reflexão, Tavares isenta suas abordagens sobre a África e as africanidades de pretensões racialistas. Para tanto, referenda Anthony Appiah que sentencia: “não se pode dar uma conotação racista ao pan-africanismo”. Na visão do autor, esse movimento refere-se às identidades africanas em construção, que afirmam uma unidade em torno da história do continente e de todos/as afrodescendentes espalhados/as pelo mundo, e não ao reforço do racismo.

O Pan-africanismo inverte a ideologia do conceito de “raça”, que politicamente atribui aos negros e às mulheres negras um **statu quo** de inferioridade humana, para resgatar passados em comum entre a “raça negra” através do apego à mãe África. Segundo Canclini, ser cidadão e cidadã de origem afrodescendente é mais do que ter direitos reconhecidos por Estados e territórios, mas sim serem reconhecidos por suas culturas que trazem sentidos aos pertencimentos múltiplos.

“Pensar África não é pensar apenas nos africanos residentes no continente. Pensar África é pensar a negritude e as africanidades”, conforme Tavares. “Implica uma extensão do pensamento a todas as diásporas africanas espalhadas pelo

mundo”. Num entendimento de que o diálogo intercultural pode impulsionar trocas internacionais em favor da solidariedade entre os povos.

Esse pensamento reforça a luta por afirmação de direitos, capaz de reconstruir referências históricas, simbólicas e didáticas para a negritude. Nessa perspectiva, Tavares salienta o caráter estratégico da educomunicação para fomentar nas novas gerações o empoderamento e a autoestima negra, enquanto afro-descendência em luta por reconhecimento, por direitos e por igualdade. Mesmo com todas as contrariedades que o continente africano possa emanar. Paradoxos oriundos de processos de colonização e da continuidade de ações ideológicas que ainda inferiorizam as nações “ditas” independentes.

Ele discorda de quaisquer propostas enunciativas, dos campos da educação e da comunicação, comprometidas com “pretensões eurocêntricas sobre a historiografia africana”. Propostas reincidentes em relacionar os processos culturais desse enorme continente negro apenas às colonizações, excluindo a África dos processos históricos da modernidade. E, conseqüentemente, violando os direitos dos africanos e das africanas de serem contemporâneos, ao desconsiderar a riqueza das civilizações ancestrais milenares enraizadas no continente.

Por isso é urgente resgatar o protagonismo negro na construção de novos paradigmas que desconstruam abordagens convencionais. É preciso reconfigurar as pesquisas educacionais deslocando-as para óticas mais plurais que superem equívocos e estereótipos legitimados por representações coloniais e neocoloniais, reforça o professor.

Esse deve ser o fio condutor para a educomunicação: fomentar projetos educacionais que estimulem a “autoconsciência africana”. Projetos carregados de propostas interculturais, de anseios comunitários, de problemáticas simbólicas para a igualdade étnico-racial, de sinergias criativas.

A educomunicação pode revolucionar projetos educacionais ao incluir o renascimento africano e trazer abordagens fenomenológicas da educação das africanidades, a partir dos sentidos comuns de pertencimento negro. Pode, então, promover posturas democráticas, de igualdade na diferença com o objetivo de descolonizar as mentes, reforça o professor.

3. EDUCOMUNICAÇÃO EM PORTO ALEGRE

A explanação da secretária-adjunta da Secretaria Municipal de Educação da capital gaúcha, professora Maria da Graça Paiva sobre “Educomunicação e as experiências da Prefeitura de Porto Alegre”, foi aberta com a citação de Milton Santos e teve como auge o vídeo da professora estagiária Bruna Rocha.

Inicialmente, a professora Maria da Graça referendou o Projeto Raiar, de 1993, como pioneiro na informatização das escolas de Porto Alegre. Apresentou o projeto “Alunos em Rede” do professor, radialista e assessor de Inclusão Digital para Mídias Escolares da Smed/POA, Jesualdo Freitas de Freitas, que dissemina o paradigma da educomunicação na rede municipal.

Ressaltou que, no “Além Rede”¹⁰ e em outros projetos educacionais, alunas e alunos realizam várias atividades na rede municipal como, por exemplo, cobertura jornalística de eventos, entrevistas, reportagens, rádio escola na “hora do recreio”, entre outras. Tudo em diálogo com a comunidade escolar, formada por professores/as, gestores/as, funcionários/as, e familiares. A professora Maria da Graça Paiva também citou a Feira do Livro de Porto Alegre. Nesse mega-evento¹¹, por exemplo, alunos e alunas gravam entrevistas com escritores/as utilizando canos de PVC como suportes para as câmeras, demonstrando uma criatividade tremenda nas coberturas educacionais.

Do ponto de vista da cidadania, a professora reforçou ainda que o protagonismo juvenil é a marca das ações escolares, quando alunos/as são motivados a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos. Ocupando espaços da escola, outros territórios e ampliando suas leituras sobre o mundo. Nessa perspectiva, a professora Maria da Graça passou a entrevista que fez com Bruna, que nos conta as transformações que a educomunicação realizou em sua vida.

No vídeo, Bruna Rocha fala que tem 18 anos e que atualmente é professora estagiária em escola da Secretaria Municipal de Educação (Smed) de Porto Alegre. Anteriormente, ela foi aluna dessa mesma rede pública, estudando na “Escola Municipal de Ensino Fundamental Victor Issler”. No ambiente escolar,

10 No blog “<http://alemrede.blogspot.com/>” é possível encontrar mais informações sobre o trabalho liderado pelo Prof. Jesualdo Freitas de Freitas, da rede municipal.

11 <http://www.feiradolivro-poa.com.br/>

por três anos, integrou o projeto educucomunicativo “Rádio Digital”, tornando-se presidenta do Grêmio Estudantil. Nessa perspectiva, a escola passou a ser sua “segunda casa”. E a educomunicação impulsionou seu futuro.

Antes de conhecer a educomunicação, Bruna confessa que era: “uma menina muito complicada”, “muito agressiva” e “não tinha afeto pelo próximo”.

Depois que eu comecei a participar da rádio na escola, eu gostei de estudar. Não ficava na rua de tarde, caminhando, vagando. Meu maior medo é ver uma pessoa mendigando, no tráfico, roubando (Bruna Rocha, 18 anos).

Na “Rádio Digital”, Bruna acredita ter tido outras oportunidades: professores conversavam, incentivavam, demonstravam estar preparados para receber alunas e alunos dispostos/as a encontrar novos caminhos.

Conheci um lado das pessoas que eu não conhecia. Comecei a ver as coisas com outros olhos. Comecei a acreditar nas pessoas. Conhecer pessoas que ainda lutam pelas crianças que estão dentro da escola (Bruna Rocha, 18 anos).

Em sua caminhada, Bruna passou a valorizar o papel da escola em orientar alunos e alunas, de “abrir portas” de mostrar “coisas novas” sobre a vida.

Se eu não tivesse entrado pra rádio hoje eu não sei o que estaria fazendo. Através da rádio eu consegui traçar meio pedaço do meu futuro (Bruna Rocha, 18 anos).

Orgulhosa por ter realizado toda a sua formação na rede pública, Bruna reforça seu lugar de fala: agora como professora. Isso lhe propicia multiplicar o trabalho de educomunicação junto às novas gerações.

Eu queria ser engenheira. Mas vi que tinham crianças que necessitavam da mesma coisa que eu necessitava: alguém que dê atenção, que acredite que elas têm potencial. Consegui desenvolver uma habilidade que eu nem sabia que tinha: conversar e entender o meu próximo (Bruna Rocha, 18 anos).

Bruna lembra que a escola é um espaço privilegiado para as relações afetivas, pois muitas vezes nem “um pai e uma mãe” percebem os sofrimentos que as alunas e os alunos estão vivenciando. Sendo negra, ela cita que tem dois alunos

negros, por exemplo, de autoestima comprometida. E, dentro da sala de aula, procura ajudar também esses alunos e alunas para que “não se tornem” “crianças agressivas”, “fechadas”, como ela foi.

Eu olho pros meus alunos e todos os dias eles me dizem: ‘profe tu é linda’, ‘profe eu te amo’. E eu retribuo: ‘a profe também te ama’. Porque é o que eles precisam. Pois sem o próximo a gente não vai seguir. E precisamos muito da escola. Porque a escola nos ajuda a construir o nosso próprio conhecimento (Bruna Rocha, 18 anos).

Vale lembrar que Bruna teve experiências no Programa “Mais Educação”¹², após cursar o magistério na Escola Estadual Normal 1º de Maio em Porto Alegre. Nesse programa federal do Ministério da Educação, o paradigma da educomunicação foi incorporado como forma de potencializar os usos e as apropriações de mídias como o Jornal Escola, a Rádio Escola, a História em Quadrinhos (HQ), a Fotografia e o Vídeo, por exemplo, na rede de ensino do Brasil. Então Bruna sentencia:

Tudo que eu sei é por conta da educação que eu tive na área digital. Eu aprendi a mexer na Internet, a trabalhar com microfones, gravadores, computadores. Aprendi a me entrosar melhor, conversar, brincar. (Bruna Rocha, 18 anos).

O depoimento da estagiária, registrado no audiovisual apresentado no Evento, revelou na prática o que a teoria vem reforçando no VI Educom Nacional e o III Educom Sul, destacou a palestrante Maria da Graça Paiva. Emocionada, a secretária-adjunta de educação falou do resgate de vidas que estão sendo potencializados pela educomunicação na rede municipal de ensino.

Falando de sua caminhada de negritude, a professora Maria da Graça Paiva destacou as possibilidades educacionais de construções de sujeitos com voz, pertencimento e autoimagem positiva. Esclareceu que a rede municipal atende principalmente a periferia da cidade. “E lá estão as nossas crianças negras, lá estão as nossas crianças reféns do tráfico”, concluindo que a educomunicação pode salvar outras crianças como a Bruna.

.....
12 Programa instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10.

4. EDUCOMUNICAÇÃO E NEGRITUDE

A professora Sátira Pereira Machado partiu da apresentação do **Projeto RS Negro: educando para a diversidade**¹³ para falar sobre “Educomunicação e Negritude”. Segundo a palestrante, o **RS Negro** é um projeto educ comunicativo que explora de forma multimídia várias temáticas sobre as questões referentes aos/às afrodescendentes, afro-brasileiros/as e afro-gaúchos/as¹⁴.

Inicialmente, foi apresentado o livro do projeto: **RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**¹⁵. A obra, em sua segunda edição, vai além da produção histórica tradicional ao revisitar a trajetória das populações negras no Rio Grande do Sul. Está dividida em capítulos sobre historiografias; religiosidades; comunidades quilombolas; movimentos negros; práticas educativas e ações afirmativas na Universidade¹⁶. O livro é resultado de pesquisas de professores/as que revisitam temas fundamentais para a melhor compreensão das relações étnico-raciais em solo gaúcho.

Alcançando a linguagem acadêmica à comunidade em geral, outro produto do projeto é a **Revista RS Negro: ler, refletir, debater, pesquisar, criar, recriar...**¹⁷. A jornalista Sátira Pereira Machado fala que na revista os debates giram em torno da história do continente africano e da diáspora negra; das lutas por liberdade e criação de comunidades quilombolas; dos mitos, lendas, músicas/danças, culinárias, provérbios e manifestações culturais africanas e afro-brasileiras; da religiosidade, da literatura e da afroetnomatemática; de reflexões sobre a imprensa negra, o

13 Todo o projeto está disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/>

14 O projeto parte da primeira edição do livro RS Negro, que inspira a criação de uma revista, um cinevídeo, áudios, poste book e aulas em slides. O projeto RS Negro foi realizado numa parceria entre: a Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social do RS (SJDS), a Fundação de Educação e Cultura do Internacional (Feci); o **Educom Afro** da FAGED/PUCRS; o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado do Rio Grande do Sul (Codene), a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs); e o movimento negro gaúcho; tendo o patrocínio do Grupo CEEE. Foi elaborado por quase cem profissionais das mais diversas áreas, sob a curadoria e coordenação executiva da Profa. Dra. Sátira Pereira Machado. Na sequência foi editado o livro RS Índio, que ainda não chegou a ser transformado em projeto multimídia.

15 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/e-book.pdf>

16 SILVA, Gilberto Ferreira; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (Orgs.). **RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

17 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/revista.pdf>

negro na mídia e a atualidade da mídia negra; de discussões sobre a educação para a igualdade e as políticas de ações afirmativas. Segundo a palestrante, cada página traz textos breves, indicações de leituras, ilustrações, imagens, sugestões de atividades, dicas e curiosidades que enfatizam a negritude no Rio Grande do Sul.

Para contemplar a produção de áudios de negros e de mulheres negras do Rio Grande do Sul, outro item produzido foi o CD¹⁸ **Negro Grande**¹⁹. Machado destaca que se trata de uma coletânea, em estilo afro-gaúcho, de vários sons que recriam gêneros musicais como **jazz, black music, blues, soul music, reggae, rap, hip-hop, pop rock**, samba enredo, vocal, eletrônica, **tecnomelody, folk**, infantil, instrumental e tradicionalistas. Como extra, tem-se acesso à congada gaúcha, a declamação de poesias negras.

O kit ainda oferece um CD Rom²⁰ de **Aulas RS Negro**²¹, para auxiliar os/as professores/as na escolha de temas, para além da escravização de negros e negras no Brasil, como: continente africano; 20 de novembro; Lei 10. 639/2003; comunidades quilombolas; lanceiros negros; religiões afro-brasileiras; congadas negras; carnaval e capoeira; clubes sociais negros; Liga dos Canelas Pretas; Imprensa Negra; Palavras Afro-brasileiras; Literatura Afro-brasileira; Artistas Negros e Negras; Personalidades Negras; e Hip-Hop e Grafite.

Para a professora, foi preciso dar a dimensão da construção da celebração do Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil, que foi uma ideia gaúcha em linguagem audiovisual. Surgiu o vídeo-documentário **SOU** que explora esse processo²². O filme recria a vida e a obra do “poeta da consciência negra” Oliveira Silveira, um dos idealizadores do 20 de novembro. A data foi celebrada em homenagem ao herói Zumbi dos Palmares num contraponto ao 13 de maio de 1888, dia em que a Princesa Isabel assinou a alforria para os/as afrodescendentes escravizados no Brasil. No vídeo, os poemas de Oliveira Silveira são interpretados

.....
18 Compact Disc (Disco Compacto).

19 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/musicas.html> | Ficha técnica: **Biliqueti Produções**; Direção Artística: **Claudio Pereira**; Seleção Musical: **Preta Pereira**. Matererização: **DJ César Sampaio**.

20 Compact Disc Read-Only Memory (Disco Compacto - Memória Somente de Leitura).

21 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/>

22 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/dvd.html>

pelo consagrado ator gaúcho Sirmar Antunes. E de extra, tem uma entrevista com a atriz Vera Lopes - que recita um rap composto pelos poemas “Cabelos que Negros” de Oliveira Silveira e “Trincheira” de Cuti - e com a filha de Oliveira, Naiara Rodrigues Silveira²³.

Todos os temas explorados nesse kit multimídia composto por livro, revista, áudios, aulas e vídeo são traduzidos em obras de arte de autoria de Silvia do Canto, através do **Posterbook RS Negro**. Os pôsteres ilustram todos os produtos do projeto RS Negro²⁴.

No segundo momento da palestra, a professora Sátira Pereira Machado relaciona o projeto com a educomunicação. Observa o próprio Projeto RS Negro, que resgata **memórias, histórias e tradições** de afrodescendentes, para identificar intervenções sociais que as populações negras – em África e na diáspora – realizam ao longo dos séculos nas **áreas educacionais** sistematizadas pelo Prof. Ismar Soares.

Para a professora, historicamente, as cosmovisões de matriz negro africana respeitam os saberes ancestrais e coletivos, com pode ser visto na exploração do tema da África no RS Negro. Ressalta que esses valores são transmitidos pela **oralidade**, pela **musicalidade**, pela **corporeidade** e até mesmo na comunicação feita através de tambores, por exemplo. Machado acredita que esses processos evidenciam um fazer a partir da área da **pedagogia da comunicação** do campo educacional, possibilitando inclusive a recriação de uma cultura negro-africana no Brasil.

Nessa lógica, percebe-se que a área da educomunicação intitulada **gestão da comunicação em espaços educativos** está presente nos Clubes Sociais Negros, tema também recorrente no projeto RS Negro, por exemplo. Esses foram criados porque existia uma segregação no Brasil, que comprometia a socialização e a mobilidade social de afrodescendentes: “negros” não podiam entrar em “clubes de brancos”. Sátira nos conta que existem mais de 100 desses clubes no país, alguns deles criados mesmo antes da abolição do modo de produção escravista no país. Destacou as ações do centenário “**Clube Fica Ahi pra ir Dizendo**” da cidade de

23 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/extra.html>

24 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/posters-book.html>

Pelotas no Rio Grande do Sul, que ainda hoje têm fortes intenções pedagógicas e políticas na integração de seus associados e associadas à sociedade.

O Clube é oriundo do “Cordão Carnavalesco Fica Ahi Prá Ir Dizendo”, fundado em 1921, que deu origem também a primeira Escola de Samba do Rio Grande do Sul: a “Academia do Samba”. O Clube manteve o “Grupo Escolar Dr. Francisco Simões” por muitos anos. Na sede, didaticamente as lideranças do Clube valorizavam as culturas das comunidades negras e estimulavam a formação através de práticas educativas visando à inserção qualificada dos/as sócios/as operários/as no novo sistema econômico brasileiro de pós-abolição.

De forma original, conforme Machado, nesse ambiente também circulava a imprensa negra, principalmente o jornal “A Alvorada” denotando mais uma área da educomunicação: a **produção midiática**, feita pelos próprios afro-brasileiros/as já que os meios de comunicação convencionais invisibilizavam as desigualdades sociais negras. A valorização da Imprensa Negra está presente no projeto RS Negro.

A palestrante sentencia que todos esses elementos transformavam o Clube num local propício ao ecossistema comunicativo, promotor da liberdade de expressão através da comunicação. Pois, além do editorial do jornal anunciá-lo com “Periodico Litterario, Noticioso e Crítico”, a mobilização em torno do semanário estreitou as relações com o reconhecido partido político de afro-brasileiros/as conhecido como “Frente Negra Brasileira”, criado em 1931. Para ela, esse foi o prenúncio de apropriações negras em Rede, uma vez que o periódico tinha correspondentes em cidades gaúchas como Jaguarão, Rio Grande, Bagé, Pedras Altas, Cerrito, Cacimbinhas e até na capital Porto Alegre, fazendo nascer a “Frente Negra Pelotense”.

Nas palavras de Sátira Pereira Machado: então, como assim... dizer que todos/as os/as afro-brasileiros/as eram analfabetos/as? Dizer que a negritude não sabia produzir? Por que roubaram a humanidade dos/as descendentes de africanos/as? Por que encaram tudo como extraordinário, como se a negritude não fosse capaz de fazer coisas incríveis? Até Machado de Assis, que era afrodescendente, iniciou sua carreira na Tipografia de Paula Brito, onde surgiu o primeiro jornal de imprensa negra no Brasil. Segundo a palestrante, existem acervos desses jornais

que podem renovar os estudos afro-brasileiros e revelar mais e mais apropriações das mídias pelas populações negras.

Nesse mesmo raciocínio, a professora Sátira Pereira Machado aborda que tais fluxos comunicacionais, de usos das linguagens midiáticas e atualmente das mídias digitais, são nitidamente observáveis nos percursos dos movimentos sociais e culturais negros, que ao longo da história valem-se de impressos, rádios, cine-vídeo e Internet, por exemplo, para promover os direitos humanos, como abordado na revista do Projeto RS Negro. É a área da **mediação tecnológica nas práticas educativas** que vai se revelando em experiências como a formação de professores/as para a inclusão da história e da cultura africana e afro-brasileira²⁵ no ensino nacional. Ou ainda aparece na multiplicação de tele centros, com distribuição de computadores e banda larga, para o maior acesso de Comunidades de Terreiro à Internet, por exemplo.

Segundo a professora, uma das áreas mais populares da educomunicação parece ser a **educação para a comunicação**. Nos estudos afro-brasileiros essa área fica evidente nas pesquisas de Joel Zito Almeida de Araújo²⁶ sobre as representações negativas e estereotipadas de negros e mulheres negras na mídia massiva brasileira. Para a palestrante, como resultado dessa leitura crítica dos meios, de denúncia das desigualdades étnico-raciais a serviço do racismo, vem havendo avanços em representações mais plurais de afrodescendentes na mídia. Muitos desses avanços são decorrentes da luta por cidadania no Brasil, protagonizada por comunicadores/as e jornalistas pela igualdade²⁷. A revista do Projeto RS Negro enfrenta esse debate.

A identificação da **expressão comunicativa pelas artes**, principalmente no espectro da arte-educação, é muito recorrente nas atividades artístico-culturais protagonizadas pelas populações negras. Na avaliação da professora Sátira Pereira Machado, a síntese desse pensamento pode ser conferida no **Posterbook RS Negro**. A promoção da cidadania de afro-brasileiros/as está presente no potencial criador

•••••
25 LEI 10.639/2003 – http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

26 Ver o vídeo “A Negação do Brasil” que foi o resultado da tese de doutorado de Joel Zito Almeida de Araújo disponível em: <https://vimeo.com/95471812>.

27 Para mais discussões sobre o tema ver: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1650-1.pdf>

das músicas, das expressões corporais e dos espetáculos. É nessa esteira que a troca de saberes no carnaval e os discursos estratégicos na forma de Grafite e de Hip Hop, por exemplo, tem revelado o uso das tecnologias educacionais na afirmação das identidades negras através das artes.

E, por fim, a professora Sátira falou da área da **reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação** que, desde muito tempo, também instiga pensadores negros/as citados no projeto RS Negro. Lembrou de movimentos que influenciaram o pensamento negro brasileiro como: o Pan-africanismo do estadunidense Du Bois; do movimento Negritude do francês **Aimé Césaire**; do movimento pelos Direitos Civis de **Martin Luther King** e **Malcolm X**; do Movimento Consciência Negra do sul africano Steve Biko, por exemplo. A intensão da palestrante foi remontar reflexões que permeiam a academia, contemplando também o jamaicano Stuart Hall do **Centro de Estudos Culturais Contemporâneos** de Birmingham/Inglaterra, sobre a formação educacional politizada de afrodescendentes que incluem os meios de comunicação nas disputas e negociações por direitos.

Assim, a jornalista Sátira Pereira Machado propõe que as intervenções sociais dos/as africanos/as, afro-brasileiros/as e afro-gaúchos de vários contextos socioculturais sejam inseridas na história da educomunicação.